



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA



Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVI SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS

SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2022

“Guerra à macumba!”: o léxico sobre o negro em jornais de Feira de Santana, notas de um racismo à sertaneja (1922-1946)

Bruno Oliveira da Silva¹; Clóvis Frederico Ramaiana Moraes Oliveira²

1. Bolsista PROBIC/CNPq, Graduando em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: bosilva0459@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: cfrmoliveira@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Racismo; Léxico; Negro

INTRODUÇÃO

Nessa pesquisa procura-se discutir, a partir dos palavreados encontrados no Jornal Folha do norte, a produção de sentidos sobre o negro sertanejo, compreendendo que as adjetivações presentes nos textos publicados no periódico, denotam um significado especial acerca do negro. Responsáveis por uma construção subjetiva, não somente o léxico utilizado, mas também seus usos, são carregados de heranças do discurso civilizatório e modernizador bastante presente na cidade de Feira de Santana a partir do século 20.

Entre contos, crônicas e notícias, foi possível observar que no ano de 1922, esteve presente na escrita de diversos autores, relações entre características físicas, moralidade e beleza. Ao realizar uma leitura a contrapelo (BENJAMIN, 2019), as descrições, ainda que de forma não intencionada, revelam que o físico e o belo descritos são diretamente atribuídos ao de sujeitos brancos, um texto intitulado “Jóias Finas” (Folha do norte,

número 16, p 2, 9 de fevereiro de 1922) quando se refere a mulher encantadora, personagem chave do conto, a descreve através de palavras como “delgada”, “fina”, “nariz arrebitado” e conclui a estética como “não era feia”. Intelectuais, como Fanon, que se debruçaram diante dos impactos do colonialismo na identidade do Negro, deixam evidente que um dos mecanismos de dominação racial, procuravam atacar diretamente o “Ser” em seu sentido ontológico, fazendo com que o “negro” tivesse desgosto pela própria vida, passando, portanto, pela sua desfiguração integral.

No Iº congresso de Escritores e Artistas Negros em Paris, Fanon (2019) aponta que “o objeto do racismo já não é o homem individual, mas uma certa forma de existir”, com isso o autor aponta e estabelece as relações entre o Racismo e a Cultura, demonstrando que a partir da “superação” do racismo científico, os mecanismos de submissão racial em detrimento de outrem, procuram se justificar, de forma sofisticada, cada vez mais nas práticas religiosas, nos trejeitos, na estética e tantos outros produtos culturais.

"É lamentável e incrível que há um século passando se combatessem, em o nosso meio, as credices de feitiçarias, levando-se á polícia os que praticavam. Os negros feiticeiros e os curandeiros em geral eram perseguidos e expulsos, muitas vezes, dos municípios onde residiam. Vejamos o nosso progresso neste particular quando tudo evolúe, tudo se civiliza, os feiticeiros existem ainda por ahi afôra, os candomblés em plenas cidades civilizadas e as cartomantes annum iam até pelo rádio os seus poderes occulltos! " (Folha do Norte, p.4, 15 de outubro de 1938)

No ano de 1938, o texto chamado “Nosso atraso”, assinado por uma figura que se reconhecia como “Regenerador”, aparece como uma continuidade do pensamento eugenista do médico Nina Rodrigues ao tratar o candomblé - religião afro-brasileira de matriz africana - como maior impeditivo da civilidade e do progresso na cidade de Feira de Santana, mas também pelo uso de termos como “feitiçaria” e “curandeiros”, léxicos que historicamente são utilizados para desacreditar e ofender, o que hoje podemos chamar de epistemologias, conhecimentos médicos, sistema religioso, uma forma de se localizar e existir no espaço-tempo, que os descendentes de africanos e africanos no Brasil possuem. Discursos como estes presentes nos periódicos, para além de um caráter agitador, constituem importante efeito no imaginário da sociedade e na vida prática.

Informa sobre certo afrouxamento da repressão policial ao candomblé, pois o mesmo voltava, segundo o articulista, a tomar conta da cidade. Informa sobre a existência de grande atividade dos terreiros, os quais através de seus batuques incomodavam a comunidade, produzindo, assim, um montante de queixas. O cerne da notícia é a repressão aos candomblés, entretanto, há uma preocupação evidente com os curandeiros, definidos aí como “adeptos da mandinga”. (OLIVEIRA, p. 132, 2010)

O historiador Josivaldo Pires de Oliveira, em sua tese "Adeptos da mandinga": candomblés, curandeiros e repressão policial na Princesa do Sertão (Feira de Santana-BA, 1938-1970)" demonstra que os discursos presentes no Folha do Norte, foram de tamanha importância para, não só noticiar, mas também a de listagem de candomblés e atividades, que para época, eram delituosas, demonstrando, portanto, os efeitos dessas investidas textuais.

Nascimento (2020) defende a hipótese de que a materialização do racismo se dá através da língua. Desse modo, esta pesquisa, ancorada na ideia de interditos estabelecidos através da língua, desde a criação do “signo negro” (MBEMBE, 2019) e seus produtos vertebrados nas diversas instâncias da sociedade feirense do século 20, traz as possibilidades para se discutir a produção de uma linguagem antirracista, enquanto um contradiscurso, levando em consideração o desenvolvimento, através dos estudos lexicográficos, do racismo presente na construção de um imaginário que visa atravessar a identidade de pessoas negras no sertão baiano.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Procedimento utilizado na pesquisa, permanece o mesmo desde o plano de trabalho, “a missão de escovar a história a contrapelo” proposta por (BENJAMIN, 2019) na tese número VII acerca do conceito de história, procura elucidar o historiador a respeito da busca por aquilo que não se está tão visível em suas fontes, no seu objeto.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Discutir qualquer tema relacionado a negritude e a questão da raça, inevitavelmente, ainda que de modo transversal, necessita discutir a formação de uma identidade. Essa pesquisa, desde o início, se propôs a assinalar de que forma um conjunto de palavras encontradas na documentação produz subjetivamente as formas de se orientar e orientar

o outro no mundo material. Com isso, pode-se afirmar que adjetivações como “inapto”, “incapaz”, “incivilizado”, “bárbaros” e tantos outros, utilizados para descrever a condição de pessoas negras, implicam de maneira significativa nos modos de proceder dessas pessoas.

Em *Peles negras máscaras brancas*, Fanon (2010) comprova que por conta de padrões de ser estabelecidos pelo mundo colonial, pessoas negras buscam no branco o reconhecimento da humanidade que lhes foi negada, mudando sua fonética, sotaque, vestes, adornos, até mesmo idealizando passagem por lugares que nunca irão visitar, relações romântico-afetivas etc., mas na questão investigada, é preciso procurar, como essas mudanças habituais atingem os negros do sertão baiano. No campo da representação, não menos importante, percebe-se o uso constante de figuras negras, ainda na posição natural de inferioridade, indigna, violenta, animalizada, quando não atrasada e sem nenhum tipo de razão ou cultura suscetível de ser praticada sem que sofra nenhuma restrição.

Os marcadores memorialísticos da raça, noção elaborada por (SILVA 2021) define-se pela promoção de interditos socioeconômicos e culturais baseados nas distinções raciais procurando estabelecer nessas categorias a racionalização dessas práticas, em sua maioria violentas, as observando enquanto heranças, (SILVA 2021) evidencia que a linguagem do negro rural é um forte componente para as determinações e orientações sociais do corpus negro na sociedade baiana, por isso, não é incomum encontrar, nessa população, especialmente a rural, problemas sociais tão bem definidos, sem moradia, direito ao trabalho não pesado, alimentação devida e acesso à educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Como resultado, a pesquisa permite a criação de um dicionário lexical sobre o negro nos Jornais em Feira de Santana, para o auxílio não somente nas pesquisas sobre a construção subjetiva do negro, mas também para o ensino, compreendendo o dicionário como um importante recurso para discussão racial nos espaços educacionais

REFERÊNCIAS

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Ed. UFBA, 2008.
_____, Frantz. Racismo e Cultura. In: _____. *Revolução africana: Uma antologia do pensamento marxista / organização Gabriel Landi, Jones Manoel*. São Paulo, SP: Autonomia Literária, 2019.

NASCIMENTO, Gabriel. *Racismo Linguístico: Os subterrâneos da linguagem e do racismo*. Belo Horizonte: Letramento, 2020.

BENJAMIN, Walter. *O anjo da História*. Organização e tradução João Barrento. 2d. 3ª reimpressão. Belo horizonte: Autêntica editora, 2019.

MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018. 320p.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. “Adeptos da mandinga”: Candomblés, curandeiros e repressão policial na Princesa do Sertão (Feira de Santana-BA, 1938-1970). UFBA, 2010.

OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. *Canções da cidade amanhecendo: urbanização, memórias e silenciamentos em Feira de Santana, 1920-1960*. 2011. 298 f., il. Tese (Doutorado em História) -Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

SILVA. D.L.S *As Senzalas da Cidade: relações sociais entre negros roceiros (Bahia, 1940-1960)*; 2021; Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Feira de Santana.

Folha do Norte, 1922-1949. Acervo do Museu Casa do Sertão.